

Novos PRÓ-REITORES DA PUC-SP

ASSUMEM SEUS CARGOS

Na quarta-feira, 26/11, foram nomeados os pró-reitores de Pós-Graduação, professor Celso Campilongo e de Cultura e Relações Comunitárias, professor Fábio Santana, ambos da Faculdade de Direito.

O professor Celso Campilongo relatou ao **PUCviva** que, no momento, está tomando conhecimento sobre os projetos existentes para a Pós-graduação elaborados pela reitoria. “O projeto, por enquanto, é o projeto que o Reitor tem. Os objetivos que o Reitor tem são os meus objetivos. E mesmo quando eu tiver já um projeto, evidentemente que submeterei ao Reitor. (...) A minha ideia é ainda este ano fechar um plano.”

Os objetivos gerais, segundo Campilongo, residem em melhorar e qualificar os vários programas de Pós-graduação. “As avaliações feitas pela CAPES não são muito favoráveis. Temos que fazer um grande esforço para melhorar a qualificação desses programas, o que acaba tendo impacto não apenas na Pós-graduação, mas no desempenho

da universidade como um todo.” Para o docente, o desafio situa-se além de pensar na qualificação, mas também em avaliar as questões da internacionalização e atualização dos programas. “Se você tem um programa com nota mínima, a quantidade de recurso que você recebe dos órgãos de fomento é diferenciada e a capacidade de você atrair alunos também é muito menor.”

Fomento CAPES

A situação do fomento pela CAPES segue não sendo um atrativo para a Reitoria, que segue uma política praticada pela FUNDASP há anos. O novo pró-reitor disse que, em 2025, foram recebidas 33 bolsas CAPES para todos os programas da Pós-graduação, equivalente a uma bolsa por programa, frente ao ano passado, quando foram recebidas cerca de 80 bolsas. Perguntado se pretende cortar as bolsas ou continuar com elas, o Pró-reitor respondeu que não pretende eliminá-las, mas a ideia é continuar pedindo dentro de um limite pois:

“do ponto de vista econômico é extremamente desvantajoso para a PUC”. Para ele, “nessas condições, muito adversas, o financiamento não resolve o problema de nenhum dos 30 programas de pós”, sendo que o professor ainda não possui um quadro da quantidade recebida das outras bolsas de fomento, como as do CNPq ou da FAPESP.

Comparativo a outras PUCs

“Acho que a PUC-SP pode ter, sem dúvida alguma, um desempenho muito melhor do que aquele que tem tido” afirma o professor a respeito da classificação da PUC-SP perante as outras católicas brasileiras, segundo o último RUF. E acrescenta: “evidentemente que são boas escolas, são comparações muito empênhativas, são escolas qualificadas. Mas não tem muita razão para que a PUC-SP esteja atrás dessas outras universidades católicas, são estruturas parecidas” e reforça que precisam fazer um esforço para aproximarmos ou ultrapassarmos

essas outras universidades. O professor finaliza dizendo que a tarefa é estimular e olhar mais internamente para saber o que pode ser feito e oferece como exemplos, melhoria de instalações, qualificação dos docentes, carreira do professor da Pós-graduação, oferecimento de condições para que o aluno possa desenvolver as suas atividades de pesquisa e olhar menos para fora, apesar de que o interno e o externo estejam muito relacionados, mas não se deve apenas focar nos rankings. Ele salienta que existe uma evasão geral dos cursos universitários no Brasil em todas as áreas. Procurado pelo **PUCviva**, infelizmente o professor Fábio Santana, que assumiu a PROCRC, não pode responder às perguntas. Os professores Myrt Cruz e Antonio Valverde, ex-Pró-reitora de Cultura e Relações Comunitárias e Pró-reitor de Pós-Graduação, respectivamente, nos enviaram suas manifestações que estão publicadas nas páginas 2 e 3 dessa edição.

A propósito do serviço na Pró-Reitoria de Pós-Graduação da PUC-SP

Prof. Dr. Antonio Valverde

Caros Coordenadores, Professores, Assistentes dos PPGs, Alunos, Amigos, saudações!

A Universidade é uma organização complexa. De praxe, nas organizações, os atores em cena pendulam entre o Ser e o parecer ser. Sobremaneira, os dirigentes. Se ausente a possibilidade de Ser de modo pleno, vale ao menos o recurso do parecer ser: generoso; pautado pela compaixão; ético; responsável; defensor do bem comum e sábio ao ler os sinais do tempo presente. Tempo de muita criptonita no ar: tecnologias; IA; neoliberalismo; controle social invasivo; ateísmo prático; neofascismo; neocolonialismo; ataques indiscriminados às minorias; empobrecimento generalizado; violência legalizada do e pelo Estado; injustiças de várias ordens; moralismos inócuos e venélicos; enclihimento de direitos civis; guerras, guerras, guerras; crise sintomática do capital e transbordos niilistas. Sintetizados na expressão “euforia na infelicidade”. Ao qual o campo educacional não se mostra imune a tais vicissitudes. Nem pode, nem deve. Assim, tentei escutar, no detalhe, todas as demandas necessárias e urgentes que se ofereciam à PRPG advindas de professores, alunos, coordenadores, assistentes e agregados. Escuta atenta para o mais adequado encaminhamento às instâncias superiores. Neste ponto,

certo acúmulo de sabedoria acadêmica e rudimentos de Psicanálise contribuíram o suficiente. – À escuta da subjetividade. Guardado o limite do cuidado com o excesso de zelo, aquele mesmo que pode destruir sementes do amanhã.

A função social da universidade é seu mote relevante, seu núcleo. Daí a necessidade de um projeto para a PUC-SP que articule todos os setores e desígnios: graduação, pós-graduação, ensino, pesquisa, extensão, calcado em diagnósticos precisos e atento a toda sociedade, em movimento. Tal qual aquele projeto criado ao final dos anos 1960 pelos demiurgos Joel Martins, Casemiro dos Reis Filho e José Nagamine. Um projeto amplo e interativo que continha a concatenação do Ciclo Básico, da Graduação e da Pós-Graduação. Daquele momento em diante, a Universidade consagrou-se em modelo exemplar nos cenários acadêmicos nacional e internacional. Firmado na potencialidade do corpo docente, e de ousadias em paralelo de resistência cultural à ditadura militar.

Contudo, tenho para mim que o melhor lugar nas instituições de ensino segue sendo o da sala de aula. Onde coisas podem acontecer, e acontecem. Os conflitos, as contradições borbulham e dão sentido ao trabalho de ensinar e, sobretudo, aprender com os alunos. Dada a dialogicidade inexorável que sem impõe, transfigurada da capacidade de explicitação de conflitos e contradições.

Pois, os professores correspondem a raízes, e os alunos, a antenas. Sem o lance antenado nas oscilações civilizacionais, não há como as raízes fornecerem seiva vívida ao conhecimento crítico.

Agradecimentos. De coração, agradeço sinceramente a todos os colegas de trabalho: coordenadores, professores, assistentes, alunos da Pós-Graduação. Em particular e de modo especialíssimo, agradeço todo staff da Pró-Reitoria, do Expediente, da SAE, do Setor de Bolsas. Profissionais excelentes, comprometidos, que sabem muito bem trabalhar em equipe. Demarcados pelo bom humor, até frente às adversidades. Solidários entre si, ao lidarem com três mortes de colegas, neste fátil ano de 2025. E, por fim e no início de tudo, aos assistentes da Pró-Reitoria, professores Rubens Sawaya e Fernando Rister, parceiros de todas as paradas no exercício de construir a compreensão expandida do Pós-graduação no mundo, no Brasil

e na PUC-SP, para além de cacoetes, em sua maioria, equivocados. Parceiros na alegria e na tristeza. Sem os quais nenhum trabalho meritório teria ocorrido. E aos amigos antigos e novos, que tive oportunidade de ouvir em momentos diversos. De modo efetivo, encontrei pessoas muito dignas, extremamente polidas, éticas, solidárias, transparentes, durante o período de meus serviços na PRPG.

– Em verdade, talvez o silêncio fosse mais eloquente

para o momento. Porém... Agora, cá entre Nós, que saudades do Doca's! Sem um bom bar ao lado nada prospera. É preciso retomar, urgentemente, as tramas de todas as ordens como aquelas dos gregos抗igos, dos renascentistas e as emanadas da dramaturgia shakespeariana. Conforme as ocorridas no Doca's, em relevo próprio. – A inventarem mundos. Sem olvidar a Pizzaria Cristal, onde, ao final das tardes, professores trocavam com alunos impressões sobre o andamento das disciplinas, dos métodos utilizados em aula e tal. Por vezes, sob a capa mágica da poesia concreta. De conversas acadêmicas entre Haroldo de Campos, Décio Pignatari e José Roberto Maluf, o autêntico criador do verbo “desbeber”. Ao compasso expandido pelos professores dionísiacos eruditos, Maurício Tragtenberg e Flávio Di Giorgio, que iniciavam suas aulas nos cafés ágora, da redondeza. - Reinos do debate livre e contraditório.

– Viva os 80 anos da PUC-SP!
– Vida longa à PUC-SP, universidade comunitária grávida de possibilidades!

Muito obrigado!

Antonio Valverde
(Professor Titular de Filosofia da PUC-SP)

Sampa, 02 de dezembro de 2025

(Aniversário da querida Professora Megda Maria Fioravante, do quarto ano primário, da Escola 7 de Setembro, Poços de Caldas, MG, 1961)

Compromisso da PUC/SP com a educação antirracista, antidiscriminatória e antimisógina

Profa. Dra. Myrt Cruz

A PUC/SP é, historicamente, um território de lutas. É o palco onde a democracia, a justiça social e a defesa dos direitos humanos sempre caminharam ao lado das pessoas que aqui estudaram, trabalharam e ensinaram. Carrega, portanto, um DNA profundamente comprometido com pautas antidiscriminatórias, antirracistas, antimísoginas, antitransfobia, anticapacitismo e contra toda forma de opressão, inclusive a aporofobia. Esse DNA não nasceu de discursos, mas da experiência concreta, construída no amálgama das dores e resistências de pessoas estudantes, funcionárias e docentes que, historicamente, enfrentam e denunciam práticas discriminatórias dentro e fora desta universidade.

Entretanto, é preciso dizer com honestidade: para pessoas negras, indígenas, pobres, trans, periféricas e bolsistas, a experiência na PUC/SP tem sido, muitas vezes, dolorosa, excludente e violenta. Pesquisas realizadas com estudantes bolsistas, pobres,

indígenas e periféricos evocam sentimentos recorrentes de dor, silenciamento e discriminação. Esses relatos não são novos; atravessam gerações e fazem parte da história da instituição. E essa dor precisa, definitivamente, ser rompida. Precisa ser enfrentada com um compromisso institucional real, assumido tanto pela Mantenedora quanto pela Reitoria.

O ano de 2025 foi marcado pela luta incansável das pessoas estudantes que ergueram a voz para exigir um basta às práticas discriminatórias, especialmente no cotidiano das salas de aula. Não é admissível que alguns docentes se recusem ao letramento racial, esvaziem cursos de formação oferecidos pela instituição, deslegitimem essas iniciativas ou façam piada do tema. A sociedade não tolera mais isso. Uma instituição da envergadura da PUC/SP não pode perpetuar o que vimos recentemente nos Jogos Jurídicos, por exemplo.

Não nos esqueçamos de que a PUC/SP foi pavimentada ao longo de sua história por gerações que atuaram incansavelmente na luta antir-

racista e antidiscriminatória. Por aqui passaram grandes nomes como Abdias do Nascimento, Edna Roland, Florestan Fernandes, Paulino de Jesus Francisco Cardoso, Cida Bento, Acácio Almeida, Maria Palmira Silva, Mathilde Ribeiro e tantas outras pessoas ativistas negras que deixaram marcas profundas nas lutas do Brasil.

Sim, a PUC/SP é território negro.

Sim, a PUC/SP é território indígena. O Pindorama vive.

As pessoas não racializadas da PUC/SP, digo com firmeza: existimos e resistimos.

Estamos aqui — às vezes invisibilizadas, muitas vezes silenciadas —, mas seguimos firmes na construção de uma universidade verdadeiramente comprometida com a justiça social e com o direito à educação.

A PUC/SP não pode sucumbir à lógica mercantilista. Seu papel social é vital para a democracia brasileira. É preciso compreender a grandeza histórica desta instituição:

aqui é a casa de Paulo Freire.

E isso nos convoca à res-

ponsabilidade.

Nesta última semana, concluí meu trabalho junto à Pró-Reitoria de Cultura e Relações Comunitárias da PUC/SP. Sigo meu caminho como sempre fui:

uma mulher negra, nordestina, sertaneja, migrante, que luta com toda a força nas trincheiras da justiça racial, de gênero e de classe.

A minha luta é por uma PUC/SP antirracista, antidiscriminatória, antimísogina, anticapacitista, contra a transfobia, pela garantia de cotas trans, pela permanência estudantil e pela dignidade das pessoas funcionárias e estudantes pobres e periféricas. Entendo que contribuo com mais força para esta comunidade exercendo o que sempre fui: uma trabalhadora ativista, lutadora incansável por uma sociedade verdadeiramente antirracista.

Permaneço firme na defesa de uma sociedade antirracista, antidiscriminatória, antimísogina e sem aporofobia. Minha luta não se encerra nos muros da PUC/SP.

Myrt Cruz é professora Dra. da Faculdade de Economia



Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP

Edição: Valdir Mengardo
Reportagem e Fotos: Sthefane Mattos
Revisão: Marina D'Aquino
Arte /Editoração : Valdir Mengardo
Editora Assistente: Rafaela Serra
Conselho Editorial: João Batista Teixeira da Silva, Elaine Alves Trindade, Victoria C. Weischordt, Regina Gadelha, Rodrigo Mariano Costa e Rivaldo Carlos de Oliveira

APROPUC: Rua Bartira, 407 - Cep 05009-000 - Fone 3872-2685

AFAPUC: Rua Ministro Godoy, 1055 - Fone 3670-8208

PUCviva: Fone/WhatsApp: 3872-2685

Correio Eletrônico: pucviva.jornal@uol.com.br
Pucviva na internet: www.apropucsp.org.br

CAMINHADA

Funcionários administrativos realizam atividade pelas ruas de São Paulo

A AFAPUC, juntamente com o SAAESP (Sindicato dos Funcionários Administrativos do Ensino Superior) e o PAC/PRO-CRC, realizou, no sábado, dia 29/11, uma caminhada pelas ruas da Zona Oeste e centro de São Paulo. Com saída de Perdizes (Monte Alegre), o percurso incluiu o Elevado, um trecho da Consolação, chegando ao campus Marquês de Paranaguá da PUC-SP.

Durante a atividade, houve uma parada importante em frente ao prédio do SAAESP (Sindicato dos Funcionários Administrativos do Ensino Superior), um dos apoiadores do evento. Ao final do trajeto, os participantes foram recebidos pela Diretora do Campus Marquês de Paranaguá, Tânia Serafim e pelo Diretor da Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia professor Daniel Gatti, com um café da manhã no restaurante do Campus.

O evento visou chamar a atenção dos funcionários para a melhoria de suas condições de saúde e qualidade de vida, bem como proporcionar uma maior integração entre os funcionários administrativos e suas associações de classe. Novas caminhadas e eventos participativos serão realizados pela AFAPUC durante o próximo ano.



Bel Fotos



Alguns momentos da caminhada dos funcionários: na foto maior acima a saída do campus MonteAlegre; logo abaixo, (esquerda) seguindo em direção ao Campus Marquês, (direita) o Vice do SAAESP e o Presidente da Afapuc, ao lado do Doutor Francesco advogado da Associação; mais abaixo a chegada aos jardins do campus Marquês e, finalizando, as diretorias da Afapuc e SAAESP.

Entre conquistas e retrocessos, para onde vamos após a COP30?

Carlos Nobre

A COP30 deixou evidente que o mundo ainda está longe de um consenso sobre como enfrentar a crise climática global, especialmente no que diz respeito à eliminação progressiva dos combustíveis fósseis e ao combate efetivo ao desmatamento e degradação dos biomas. Ao longo dos dias, ficou claro que há avanços importantes em termos de discurso, articulação e reconhecimento da gravidade do problema, mas também persistem divergências profundas sobre o ritmo, a escala e a urgência das ações necessárias. Ao término da conferência, a sensação geral era ambígua. De um lado, houve um esforço coletivo para sustentar o otimismo, nutrido por diálogos ricos e diversos que reforçaram a magnitude das ameaças, mas também trouxeram evidências concretas de caminhos viáveis de solução. De outro, o "elefante no meio da sala" permaneceu inabalável: a consciência de que, mesmo com tantos esforços diplomáticos, técnicos e políticos, ainda estamos muito aquém do que seria necessário para conter a velocidade da emergência climática. Esse desconforto se impõe e revela os limites de um sistema internacional que avança, mas não na cadência exigida pela ciência.

Ainda assim, não saímos de mãos vazias. Há sinais de esperança — discursos que prometem acelerar a ação climática no próximo ano, compromissos de ampliar o debate sobre combustíveis fósseis, e iniciativas voltadas a construir um entendimento mais integrado sobre a dinâmica do desmatamento e da

degradação e seus impactos. Esses movimentos apontam que existe, ao menos em parte, a disposição global de enfrentar os nós estruturais que sustentam a crise.

Mas, ao mesmo tempo em que vivenciamos esses avanços, também somos lembrados da força das resistências internas. Testemunhamos no Brasil mais uma derrota no âmbito do Executivo, diante da decisão do Congresso Nacional sobre o PL2159 de derrubar vetos essenciais e preservar uma legislação que, na prática, flexibiliza a destruição ambiental. Esse episódio expõe, mais uma vez, a fragilidade dos mecanismos de proteção ambiental no país e revela como decisões políticas continuam a prevalecer sobre evidências científicas e sobre a urgência climática.

As interações sinérgicas entre mudanças climáticas e dos usos da terra com aceleradas taxas de desmatamento e degradação dos biomas brasileiros estão colocando a floresta amazônica, o Cerrado, o Pantanal e a Caatinga muito próximos dos pontos de não retorno, degradando enormemente estes ecossistemas do país com a maior biodiversidade do planeta.

No sul da Amazônia, uma área superior a 2 milhões de km², a estação seca já se alongou de 4 a 5 semanas nos últimos 40 a 45 anos, um acréscimo médio de uma semana por década. Antes, o período sem chuvas durava de três a quatro meses e ainda registrava cerca de 50 milímetros de precipitação no mês mais seco. Hoje, essa chuva caiu entre 20% e 30%, enquanto as temperaturas na estação seca subiram de 2°C a 3°C.

No sudeste da Amazônia, a situação é ainda mais crítica:

desde 2010, essa parte da floresta deixou de atuar como sumidouro e passou a ser uma fonte de carbono, sinalizando que a região se aproxima rapidamente do ponto de não retorno. Mantidos o desmatamento e o aquecimento global atuais, esse limite pode ser atingido antes de 2050, com risco de savanização de até 70% da floresta, liberação de mais de 250 bilhões de toneladas de CO₂ e perda irreversível de biodiversidade.

O Cerrado também enfrenta uma situação crítica. Em sua porção oeste, a Caatinga já avançou sobre 230 mil km² nos últimos 30 anos. O Pantanal segue o mesmo caminho de risco. O desmatamento e a degradação de grandes áreas da Amazônia e do Cerrado estão reduzindo o transporte de vapor d'água pelos rios voadores — um processo que afeta diretamente os sistemas hídricos que alimentam o Pantanal. Como consequência, o bioma já perdeu mais de 40% de sua área alagada. A Caatinga, por sua vez, mostra sinais alarmantes de transformação em um semideserto. Regiões do norte da Bahia e do sudeste de Pernambuco já registram cerca de 400 milímetros de chuva por ano, índices compatíveis com um clima semidesértico.

Se o desmatamento continuar avançando nesses três biomas e o aquecimento global chegar a 2°C, eles também cruzarão o ponto de não retorno antes de 2050 — e o Brasil perderá a maior biodiversidade do planeta. A produção de alimentos, hoje um dos pilares econômicos do país, também será gravemente comprometida.

Para evitar esse cenário, um Projeto de Lei realmente sus-

tentável deveria proibir novos desmatamentos e qualquer forma de degradação em todos os biomas, além de promover, em larga escala, a restauração ecológica — incluindo a Mata Atlântica. Essa combinação não só reduziria de forma significativa o risco de ultrapassarmos pontos de não retorno, como também removeria grandes volumes de CO₂ da atmosfera, contribuindo para que o Brasil alcance emissões líquidas zero até 2040.

Esse cenário acende um alerta importante: há limites estreitos para qualquer avanço enquanto persistir uma arquitetura de governança que, historicamente, mantém privilégios, desconsidera fatos e reproduz desigualdades estruturais. Ainda que existam esforços legítimos e compromissos reais, eles colidem com uma estrutura de poder que opera, muitas vezes, em direção contrária às necessidades do planeta e da sociedade.

Reconhecer essa tensão não significa ceder ao pessimismo, mas sim compreender com clareza o terreno sobre o qual estamos tentando construir soluções. Se a COP30 reforçou as contradições do momento climático global, ela também indicou que há trilhas possíveis — desde que haja coragem política, força institucional e mobilização social suficientes para enfrentar, de fato, os interesses que sustentam a crise. É nesse entrelaçamento entre esperança e frustração que se moldam os próximos passos.

Carlos Nobre é cientista e professor universitário, participou de vários eventos na PUC-SP. O artigo acima foi publicado no portal Ecoa/Uol

Fundasp responde solicitações da APROPUC e do Sinpro-SP Aumento da violência contra a mulher revolta todo o país

A Fundasp enviou à APROPUC e ao Sinpro-SP um ofício em resposta à indagações feitas pelos professores durante a última mobilização docente que instrumentalizaram a Comissão de Transparência Administrativa.

Quanto aos questionamentos referentes a quadro atualizado da situação funcional dos docentes, tabelas de remuneração contratual, professores que ingressaram com reclamações trabalhistas, professores no limbo e em licença sem vencimentos, dados referentes a demissão e contratação de docentes, a Fundasp respondeu que a Lei 13.709/2018, que disciplina o tratamento de dados pessoais sensíveis, impedem o fornecimento de tais informações.

Quanto à apresentação de um quadro sobre à aplicação de

políticas afirmativas decididas pelo Consun, a mantenedora informou que a PUC-SP contratou, a partir de julho/2023, 4 docentes amarelos, 37 negros e 119 brancos. Nesse sentido, é preocupante que se registre um percentual inferior a 25% para contratação de docentes negras e negros, após a aprovação de uma política de ação afirmativa pelo Consun, o que torna urgente um acompanhamento dos editais de contratação para que a política seja efetivamente cumprida na universidade.

A Fundasp alega que não fornece o número de docentes desligados a partir de 2017, uma vez que tais números estão em poder do Sindicato onde são homologadas as decisões. A mantenedora informou que cumpre integralmente a Lei de Igualdade Salarial.

Nos últimos dias, o aumento alarmante dos feminicídios e também dos ataques às mulheres causou indignação entre a população de todo o país. Os meios de comunicação divulgaram sistematicamente uma série de ocorrências criminosas, nas quais as mulheres são os alvos.

Causa revolta o nível de crueldade com que esses atos são praticados, envolvendo também os chamados CACs (Colecionador, Atirador Desportivo, Caçador), que têm permissão para o uso de armas, que por diversas vezes foram utilizadas nos assassinatos. A Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher revelou que 3,7 milhões de brasileiras sofreram violência doméstica ou familiar

nos últimos 12 meses. Com base nos dados divulgados no Portal da Transparência da Secretaria de Segurança Pública do estado de São Paulo, a Globonews informou que o número de feminicídios registrados, neste ano, na cidade de São Paulo, é o maior já registrado para um período de janeiro a outubro em toda série histórica.

No domingo, 07/12, às 14hs, acontece uma manifestação em frente ao MASP, denominada "Mulheres Viva" em repúdio à violência contra as mulheres.

A APROPUC e a AFAPUC se solidarizam com as vítimas desta violência e repudiam de forma veemente a impunidade em nossa sociedade.



Veja como funcionarão as associações nas férias docentes

Durante o recesso de final de ano a APROPUC permanecerá fechada entre os dias 20/12 e 04/01/2026. A partir do dia 12/01/2026 a associação fecha reabrindo em 02/02/2026.

Durante esse período a diretoria manterá um plantão telefônico.

Já as secretarias da AFAPUC na cidade de São Paulo e Sorocaba permanecerão fechadas durante o recesso administrativo, de 24/12/2025 à 04/01/2026, retornando as atividades a partir de 05/01/2026.

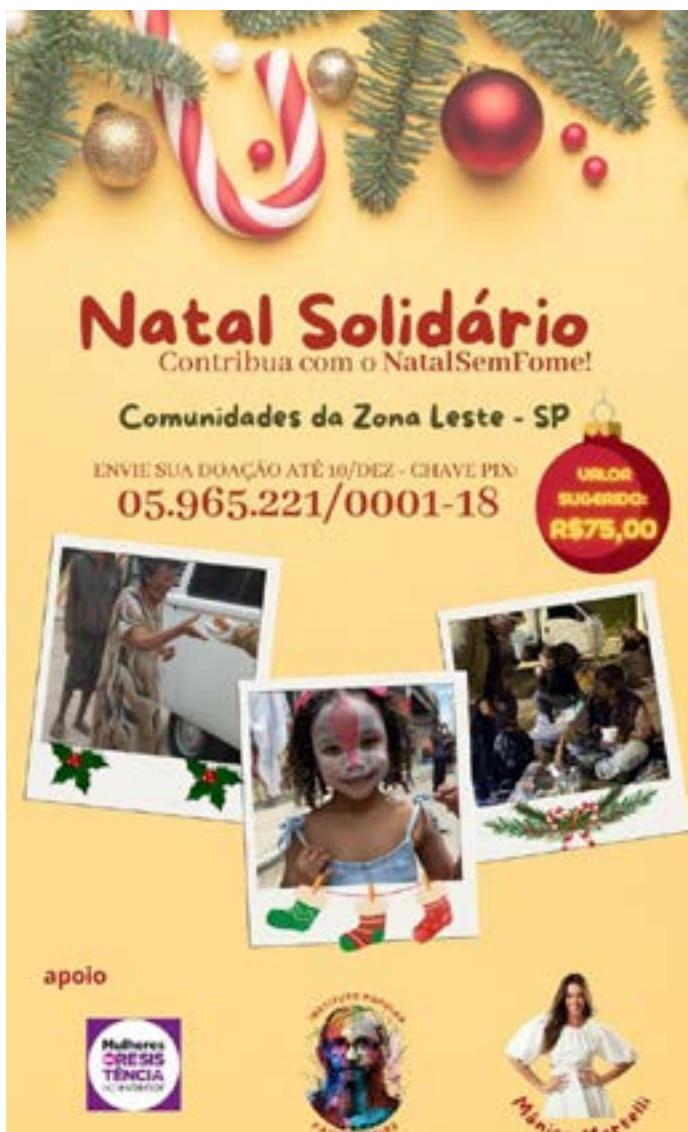
Ainda há professores com direito a restituição dos valores da dívida da PUC-SP

Nem todos os professores que trabalhavam na PUC-SP em 2005 receberam os valores decorrentes da ação, impetrada pela APROPUC em conjunto com o Sinpro-SP, decorrente da não incorporação aos salários docentes do valor de 7,66%.

Em 2015, os docentes que assinaram a ação, conseguiram reaver esses valores parceladamente. Ao final do pagamento, o direito ao resarcimento foi estendido aos demais professores que trabalhavam na PUC-SP em

2005. Porém, ainda existem professores que não acessaram o Sinpro-SP para receber esse pagamento.

A APROPUC possui a lista dos professores que têm esse direito, bastando entrar em contato com a secretaria da associação que, em caso positivo, encaminhará o docente ao Sinpro-SP. Para receber ainda este ano o professor deve entrar em contato com o sindicato até o dia 10/12, após essa data somente em 2026.



professor e funcionário, filie-se à sua associação!

Somente a participação efetiva na APROPUC e AFAPUC garante conquistas superiores à própria Convenção Coletiva, melhores condições de ensino e trabalho, contrato de trabalho diferenciado, manutenção de uma imprensa combativa, luta permanente por uma aposentadoria digna, entre tantas outras conquistas que só podem ser viabilizadas com uma associação forte e atuante.

SUA PARTICIPAÇÃO NA LUTA DE DOCENTES E FUNCIONÁRIOS ADMINISTRATIVOS É FUNDAMENTAL!

APROPUC

AFAPUC

ASSOCIE-SE:

PROFESSORES: www.apropuc.org.br/ficha-de-assocacao
FUNCIONÁRIOS: <https://www.afapuc.org.br/formularios/>

*Boas
festas*

A APROPUC deseja um final de ano festivo com muito afeto, bons encontros e descanso. Que o novo ano seja sempre melhor!

APROPUC

@apropuc_sp